

O PROCESSO DE ALFABETIZAR E LETRAR O ALUNO SURDO

THE PROCESS TO TEACH LITERACY TO THE DEAF STUDENT

SILVA, Michelly Rutte Ramos da

GRANDO, Roziane Keila

Resumo: A pesquisa em questão foca o processo de alfabetização e letramento do aluno surdo no contexto de uma escola de ensino bilíngue. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Capovilla (2000); Dizeu e Caporali (2005); Fernandes (2006); Negrelli e Marcon (2006); Soares (2004); Schelp (2009), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de campo, qualitativa, que por meio de questionários e entrevistas semi-estruturadas gerou-se os dados para desenvolver os seguintes objetivos: i) geral: compreender o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento desenvolvido com alunos surdos numa escola de educação bilíngue; ii) específicos: conhecer o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo; reconhecer a importância da escola bilíngue no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo; identificar as dificuldades dos docentes com relação às práticas de alfabetização e letramento do aluno surdo; identificar as concepções dos educadores sobre alfabetização e letramento; identificar quais práticas pedagógicas são adotadas para alfabetizar e letrar o aluno surdo. Os dados gerados demonstraram que alfabetizar e letrar o aluno surdo é um processo que demanda conhecimentos por parte do professor, especificamente sobre a linguagem. O trabalho mostrou resultados sobre a importância de se propor um ambiente linguístico para o surdo como fator preponderante na aquisição da língua de sinais (L1) e a língua portuguesa escrita (L2). Além disso, mostrou que a realização de práticas pedagógicas, considerando informações visuais, viabiliza o entendimento por parte do aluno no que se refere às práticas de letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Surdez. Prática Pedagógica. Bilinguismo.

Abstract: The research in question focuses on the process of literacy of deaf student in the context of a school of bilingual education. Theoretical foundation is based on authors such as Capovilla (2000); Dizeu and Caporali (2005); Fernandes (2006); Negrelli and Marcon (2006); Soares (2004); Schelp (2009), among others. This is a qualitative field research, which through questionnaires and semi-structured interviews generated the data to develop the following objectives: i) general: understanding the literacy work in literacies perspective developed with deaf students in bilingual education school. ii) Specific: Know the process of literacy deaf student; recognize the importance of bilingual school in the teaching of deaf student's process; identify the difficulties of teachers in relation to literacy and literacies of the deaf student practices; identify the conceptions of teachers on literacy; identify which teaching practices are adopted to literacy deaf student. The data generated showed that literacy and literacies deaf student is a process that requires knowledge from the teacher, specifically on language. The work showed results about the importance of proposing a language environment for the Deaf as a major factor in the acquisition of sign language (L1) and the Portuguese written language (L2). Moreover, it showed that the performance of pedagogical practices considering visual information facilitates understanding by the student as regards the literacy practices.

Key words: Literacy. Literacies. Deafness. Pedagogical Practice. Bilingualism.

INTRODUÇÃO

Por um longo período, a alfabetização era entendida como mera aquisição das habilidades de leitura e escrita, ocorrendo de forma mecanizada e descontextualizada, distanciando os indivíduos dos usos sociais da escrita. Conforme forem surgindo outras necessidades socioculturais, atribuem-se novos desafios ao âmbito educacional.

A necessidade de fazer uso da leitura e escrita para interpretar as mais diversas situações presentes no cotidiano fez com que a alfabetização fosse reestruturada conceitualmente. Essa reestruturação designou-se na ampliação do seu conceito, ou seja, não basta apenas dominar o código escrito, é preciso apropriar-se das habilidades de leitura e escrita de forma a interpretá-las com desenvoltura nos mais diversos contextos.

Nessa direção, consideramos necessário compreender como ocorre o processo de alfabetização e letramento do aluno surdo no contexto de uma escola de educação bilíngue.

Sabe-se que no contexto educacional o processo de inclusão está caminhando paulatinamente, o que significa que as escolas, os educadores, os gestores, as famílias e os educandos ainda estão se preparando para esse processo de inclusão. Isso porque não é apenas colocar o aluno com deficiência dentro de uma instituição de ensino, tal ação exige estrutura física, profissionais especializados, metodologias que considerem as necessidades e especificidades dos educandos, material didático adaptado entre outras ações que garantam a aprendizagem e a permanência do sujeito nas instituições de ensino.

Nessa perspectiva, a inclusão do aluno surdo na rede regular de ensino, assim como nas instituições de ensino bilíngue é uma das diretrizes fundamentais da política de inclusão, que garante o direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva (art 22, capítulo VI, inciso II do decreto 5626/05):

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

Diante disso, foi desenvolvida a pesquisa no contexto de uma escola de educação bilíngue, situada no município de Ponta Grossa, que atende à educação infantil, ensino fundamental, anos iniciais e EJA. A escola tem como finalidade oferecer aos alunos surdos

educação bilíngue (língua brasileira de sinais L1, língua portuguesa escrita L2), assegurando-lhes formação integral, indispensável para o exercício da cidadania.

Tendo em vista o citado problema, foram elencadas questões norteadoras, consideradas essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, no intuito de compreender como ocorre o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo, considerando suas necessidades e especificidades no contexto de ensino bilíngue. Quais práticas pedagógicas os educadores adotam no contexto de uma escola de educação bilíngue?; Quais dificuldades os educadores encontram no processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo?; Quais concepções os educadores possuem sobre alfabetização e letramento? E quais atividades são desenvolvidas para que o aluno se aproprie do sistema de leitura e escrita e possa fazer uso dela com desenvoltura nas mais diversas situações do cotidiano?

Com a intenção de responder tais questões, foi delineado como objetivo geral compreender o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento desenvolvido com alunos surdos numa escola de educação bilíngue. Como objetivos específicos, almejamos: Conhecer o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo; Reconhecer a importância da escola bilíngue no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo; Identificar as dificuldades dos docentes com relação às práticas de alfabetização e letramento do aluno surdo. Identificar as concepções dos educadores sobre alfabetização e letramento. Identificar quais práticas pedagógicas são adotadas para alfabetizar e letrar o aluno surdo.

Educação inclusiva

Em se tratando de alfabetizar o sujeito surdo que se encontra inserido nesta sociedade como os ouvintes, exposto aos meios de comunicação de leitura e escrita, há de se considerar que o surdo possui direitos com relação à apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade, assim como o de ser alfabetizado de forma significativa, contribuindo para sua inserção no mundo letrado. Segundo a LDB 9394/96 em seu artigo 59, capítulo V, que dispõe sobre a educação especial, assegura-se o ensino de qualidade para educandos com necessidades especiais.

Nesse sentido, uma escola considerada inclusiva, deve estar diretamente ligada na formação integral de todos os indivíduos que dela fazem parte, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais. De acordo com a legislação (LDB 9394/96), ela reconhece que a educação é um instrumento fundamental para a integração e participação de

qualquer pessoa com deficiência no contexto em que vive, ou seja, a escola deve contemplar uma educação para todos, permitindo a permanência e o sucesso de todos os seus alunos, reconhecendo as diferenças, valorizando as especificidades e potencialidades de cada um.

Desta forma, a escola deve garantir o pleno desenvolvimento do educando, considerando o currículo, método, técnicas, recursos educativos e organização específicas para atender às necessidades de cada indivíduo (inciso I, art 59, cap. V-LDB 9394/96). Nesse sentido, o educando surdo necessita de uma escola voltada para a inclusão, e de educadores que considerem suas especificidades e necessidades, garantindo a formação integral do educando. Segundo Schelp (2009), é de fundamental importância que o educador conheça e entenda o processo de aquisição da linguagem pela criança surda, ou seja, da língua de sinais, como sua forma natural de comunicação e o processo de aquisição de uma segunda língua.

Todo indivíduo presente em uma sociedade constrói, transforma, socializa e se comunica a partir da linguagem, como afirma Dias (2014,p.02):

a linguagem é considerada uma produção da humanidade e constituída, portanto, como uma prática social. Através dela o homem tem a possibilidade de torna-se sujeito, capaz de construir sua própria trajetória, tornando-se, assim, um ser histórico e social. Nesse sentido, a linguagem vai além de sua dimensão comunicativa, pois os sujeitos se constituem por meio das interações sociais.

Dessa forma, a criança, a partir da linguagem, torna-se sujeito capaz de construir a sua história, estabelecer vínculos afetivos, apropriar-se de conhecimentos que envolvem cultura, entre outros. A criança, desde pequena, passa a interagir com o meio, essa interação se inicia a partir da linguagem, da comunicação com os pais, que se dá em forma de gestos, sorrisos, ou instruções verbais, ampliando seu repertório linguístico e cognitivo.

Em se tratando da criança surda, há casos em que a família não se comunica com a criança, pelo fato de não dominar a língua de sinais, pela sua ausência, ou não aceitação da deficiência, resultando em um atraso no seu processo de aquisição da linguagem, do acesso ao conhecimento e à cultura. Isso só é possível, quando a criança surda frequentar a escola, que deve assegurar-lhe a formação integral, indispensável para o exercício da cidadania (QUEIROZ; RÚBIO, 2014).

A Língua Brasileira de Sinais

Historicamente presenciamos a trajetória dos sujeitos surdos para conquistar e garantir seus direitos, dentre eles o direito à educação, à construção da identidade, à cultura e sua participação efetiva na sociedade. Nesta perspectiva, o sujeito surdo foi, por um longo período, considerado incapaz de qualquer tipo de socialização ou forma de aprendizado. Nesse sentido, várias foram as formas, metodologias, para inseri-los na sociedade.

Houve um período - Congresso Internacional de Educadores de Surdos em 1880, Milão – em que a proposta do oralismo se instaurou como a melhor e mais propícia forma para se comunicar e ensinar o sujeito surdo. John Wallis foi um dos fundadores do oralismo. Tal proposta não beneficiou muitos os sujeitos surdos, pois nem todos foram bem-sucedidos com a leitura labial, muitos emitiam sons incompreensíveis aos ouvintes (CAPOVILLA, 2000)

Em 1855, o professor francês Henest Huet, que é surdo, trouxe o “método combinado” criado por *L’Epee*, para trabalhar com surdos no Brasil. Em 1857, foi fundada a primeira escola para surdos no Brasil, sob a lei 939 de 26 de janeiro de 1857 e também o Instituto dos Surdos-mudos, hoje Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). No século XX, em 1960, iniciou-se a filosofia da comunicação total, na qual defendia-se a utilização de todos os meios para facilitar a comunicação (mímica, gestos, sinais, estimulações auditivas, adaptação de aparelhos de amplificação sonora individual, língua de sinais, alfabeto manual e leitura escrita), para possibilitar a comunicação dos surdos, favorecendo o contato com sinais até então proibido pelo oralismo, e a língua de sinais passa a ser novamente considerada (CAPOVILLA).

A comunicação total contribuiu para a comunicação entre os surdos e ouvintes, porém, apresentou equívocos em seu percurso, distanciando as habilidades linguísticas da leitura e escrita, impossibilitando a aquisição das L1 e L2 de forma significativa (CAPOVILLA, 2000).

Nessa perspectiva, dá-se o surgimento do bilinguismo, que de acordo com Dizeu e Caporali (2005, p.591), tal filosofia,

[...] possibilitou ao surdo adquirir/aprender a língua que faz parte da comunidade surda. O trabalho bilíngue educacional respeita as particularidades do sujeito surdo, estabelecendo suas capacidades como meio para realizar seu aprendizado. Esta proposta também oferece o acesso à língua oral e aos conhecimentos sistematizados, priorizando que a educação deve ser construída a partir de uma primeira língua, a de sinais, para em seguida ocorrer a aquisição da segunda língua, o português (oral e/ou escrito).

Nesse sentido, o bilinguismo garante a aquisição da L1 e L2 considerando os aspectos linguísticos de ambas, priorizando a primeira língua de sinais (L1) e suas particularidades, associando-a com a segunda língua (L2) de forma contextualizada.

Com a lei 10.436/2002 oficializa nacionalmente a LIBRAS, essa passa a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, e outros recursos de expressão a ela associados. Diante disso, é relevante destacar que ela vem contribuir significativamente para a participação efetiva do surdo na sociedade em geral, no âmbito escolar e profissional.

A lei contribui ao permitir que o surdo atue na sociedade, garantindo a reivindicar seus direitos como cidadão, tendo acesso aos estudos com a presença de intérpretes, ao lazer, à saúde. Além de destinar o reconhecimento da LIBRAS como língua e o reconhecimento do surdo como protagonista da sua história, capaz de fazer suas próprias escolhas.

No âmbito educacional, a lei veio garantir o acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, de forma a incluir os alunos surdos com o apoio de um profissional capacitado ou especializado na Língua Brasileira de Sinais, assim como a apreensão da L1 como primeira língua.

Outros enfoques importantes que a lei garante de acordo com o decreto 5.626/2005 é a obrigatoriedade da disciplina de LIBRAS nos cursos superiores de licenciaturas, Pedagogia, Fonoaudiologia e Educação Especial. A formação desses profissionais deve permitir aos alunos surdos o seu pleno desenvolvimento enquanto educandos em formação.

Alfabetização na perspectiva do letramento

A compressão de que os sujeitos necessitam fazer uso da leitura e escrita para interpretar as mais diversas situações presentes no cotidiano fez com que o processo de alfabetização fosse repensado. Desta forma, além de dominar o código escrito, se faz necessário que o cidadão aproprie-se da leitura e da escrita de forma significativa. De acordo com Soares (2004 a, p.14)

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Alfabetização e letramento são processos distintos, porém, indissociáveis e simultâneos, visto que alfabetizar implica num processo sistematizado de aquisição do

sistema alfabético, apropriação da consciência fonológica, identificação das relações grafemas-fonemas, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita (SOARES, 2004 a, p.15). O letramento implica no desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais (SOARES, 2004 b, p.97), ou seja, apropriar-se da leitura e da escrita fazendo uso com desenvoltura nos mais diversos contextos.

As exigências da sociedade atual refletem no processo educacional dos indivíduos, visto que, não basta apenas saber ler e escrever, é preciso usá-las efetivamente nas mais diversas situações presentes no cotidiano (DI NUCCI, 2005). Atualmente, deparamo-nos que as instituições educacionais estão levando em consideração as novas necessidades sociais e a indissociabilidade do processo de alfabetização e letramento, de forma a realizar as mais significativas práticas pedagógicas dentro de sala de aula, no intuito de alfabetizar e letrar os educandos.

No entanto, a atenção a essas práticas pedagógicas de alfabetizar e letrar tem tido inúmeros avanços significativos no que se referem a ações desenvolvidas com educandos ouvintes. Já ao que se refere a alfabetizar e letrar educandos surdos, tal processo ocorre gradativamente. Há instituições de educação regulares que não dispõem de um profissional intérprete para acompanhar o aluno surdo no seu processo de aprendizagem, que muitas vezes acaba por ser substituído pelo professor regente ou tutores, os quais muitas das vezes não dominam a LIBRAS, interferindo na sua prática quando se refere a alfabetizar e letrar o aluno surdo. De acordo com Schelp (2009, p. 3037),

atualmente, a inserção do aluno surdo no ensino regular é uma das diretrizes fundamentais da política de inclusão. Entretanto, o desempenho acadêmico e social esperado da criança surda só pode ser alcançado se no espaço escolar for contemplada sua condição linguística e cultural e, portanto, se a língua de sinais fizer-se presente.

Nessa perspectiva, mediante ausência de intérpretes nas escolas regulares, torna-se relevante o aperfeiçoamento dos professores que acompanham o aluno surdo, através do aprendizado da LIBRAS para que esse possa oferecer aos alunos surdos conteúdos e informações necessárias para sua educação (SCHELP, 2009). Considerando sua condição linguística, cultural e sua identidade.

No caso da proposta bilíngue, é interessante ressaltar que a presença do intérprete, assim como do professor surdo, é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo, visto que, a prioridade é o ensino.

A escola bilíngue

Atualmente são poucas as escolas que oferecem ensino bilíngue, instituições que atendem apenas sujeitos surdos e seus familiares, dispendo de profissionais formados, capacitados para tal função, com conhecimento da LIBRAS, e dos aspectos inerentes à cultura e especificidades dos alunos. A instituição, situada no município de Ponta Grossa, onde se realizou essa pesquisa, é uma dessas instituições que atende sujeitos surdos na educação infantil, ensino fundamental, anos iniciais e EJA. Promove ações que lhes asseguram formação integral, pautadas na educação bilíngue (língua brasileira de sinais L1, língua portuguesa escrita L2).

Para o processo de alfabetizar e letrar, a referida escola vai ao encontro do processo de letramento, considerando a realidade, a especificidade e necessidade dos seus alunos. No processo de alfabetização, segundo Fernandez (2006), contraria a natureza do processo de apropriação da escrita pelos surdos, simplesmente porque a codificação e decodificação pressupõem a habilidade de reconhecer letras e sons. Se os surdos não têm acesso a experiências auditivas qualitativas, que lhes permitam fazer distinções, perceptivas entre fonemas e grafemas, sua incursão ao mundo da escrita estaria inviabilizada por encaminhamentos metodológicos que tomem como ponto de partida a oralidade.

Diante desta consideração, a Escola de Educação Bilíngue para Surdos, utiliza como perspectiva filosófica¹ a proposta de Letramento, tendo como finalidade proporcionar ao surdo um ambiente bilíngue que o conduza a aquisição da Língua de Sinais (L1) e a aprendizagem da Língua Portuguesa (L2), aprendendo sobre ela por meio da sua própria língua. E nessa perspectiva, proporciona espaços de leitura na busca de despertar o interesse dos alunos por ela. Busca desenvolver a competência na leitura e na escrita, visando sua utilização nas práticas sociais. Constituir sentidos sobre o mundo e acesso ao conhecimento através da língua de sinais é a finalidade da escola para promover a aprendizagem e apropriação dos conhecimentos, tornando o aluno um sujeito pertencente em meio à sociedade letrada, sendo capaz de se comunicar com desenvoltura a partir de sua língua materna, a LIBRAS.

Tais finalidades vão ao encontro de uma proposta de alfabetizar letrando visto que sujeitos surdos necessitam de um ambiente linguístico com um vasto arsenal de possibilidades

¹ Projeto Político Pedagógico da instituição.

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 110-127. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

para que o mesmo se aproprie significativamente dos conhecimentos, permitindo-lhe agir com desenvoltura no espaço letrado que é a sociedade em si. Nesse sentido, o trabalho com diferentes gêneros textuais aproxima o surdo do entendimento dos propósitos comunicativos de cada gênero, possibilitando a ele interagir na sociedade (SANTOS; MENDONÇA, 2007).

Com relação às escolas de ensino regular, ainda nos deparamos com uma realidade em que aos poucos estão aderindo às exigências da legislação, muitas delas estão encontrando dificuldades no que tange ao preenchimento de profissionais capacitados para o exercício da função, com conhecimento da LIBRAS, e de como desenvolver um trabalho educacional pautado no ensino da L1 e L2.

A ausência de formação continuada para os profissionais também é um fator negativo, que implica nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala com alunos surdos. De acordo com Fernandes (2003), a educação bilíngue para os surdos impõe aos educadores um novo olhar não apenas sobre a situação linguística em questão, mas, sobretudo, em relação às concepções axiológicas envolvidas nessa prática. É importante o professor e a escola apropriarem-se sobre os aspectos que envolvem a cultura surda, além dos aspectos linguísticos, pois permite maior aproximação para com o aluno surdo, reconhecendo suas necessidades para desenvolver um trabalho mais fidedigno e significativo.

Ainda de acordo com Fernandes (2003),

Um programa de educação bilíngue não se sustenta apenas pela mera constatação da necessidade de um trabalho envolvendo duas línguas no processo educacional, e sim, pensar para além das fronteiras estabelecidas pelas línguas envolvidas nesse processo.

Tal afirmativa nos permite perceber que não é apenas o fato de reconhecer e desenvolver práticas pedagógicas pautadas no ensino e apropriação da L1 e L2 é preciso que todo meio educacional, políticas públicas e os próprios sujeitos surdos caminhem de fato rumo à inclusão de uma educação bilíngue.

METODOLOGIA

Inicialmente, o trabalho se deu a partir de estudo bibliográfico de autores que discutem a temática para reforçar o embasamento teórico. A referida pesquisa, de caráter qualitativo,

preocupa-se com todo o processo do fenômeno a ser estudado e não apenas com seus resultados, como afirma Teixeira (2003, p.186),

[...] os métodos qualitativos são mais indicados para as investigações de perspectiva interpretativa ou crítica. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

A partir disso, configura como pesquisa de campo, utilizando como instrumento de coleta de dados o questionário e a entrevista semiestruturada, que foram aplicados a quatro educadores da instituição de ensino. O questionário foi elaborado a partir de perguntas simples e de fácil entendimento, com a finalidade de verificar o que os professores entendem por alfabetização e letramento. Algumas delas foram: - Quais práticas de alfabetização e letramento desenvolvem com seu aluno surdo?. - Quais dificuldades encontram no processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo?; - Quais atividades consideram ser necessárias para que o aluno surdo se aproprie da leitura e escrita de forma significativa? Vejamos na próxima seção os resultados que obtivemos com essas perguntas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O foco desta pesquisa está na compreensão de como ocorre o processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos no contexto de uma escola de educação bilíngue. Diante disso, os dados obtidos foram analisados e agrupados em eixos, os quais se estruturam da seguinte forma:

- Compreensões sobre alfabetização e letramento;
- Compreensões sobre as práticas de alfabetização e letramento para com o aluno surdo;
- Compreensões sobre as dificuldades dos docentes para com o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo;

Inicialmente, para melhor compreensão dos dados obtidos na análise, é imprescindível apresentar os sujeitos participantes da pesquisa. Desse modo, será disposto, a seguir, a caracterização dos professores, além de informações referentes à formação deles.

No quadro a seguir, denomina-se os sujeitos participantes da pesquisa, sem identificá-los, informando o sexo de cada um, tempo de docência, tempo que trabalham na

instituição pesquisada. Posteriormente, serão apresentadas informações referentes à formação profissional desses participantes.

Quadro 1 – Perfil profissional dos participantes

PERFIL PROFISSIONAL DOS PARTICIPANTES			
Denominação dos Sujeitos da pesquisa	Sexo	Tempo de Docência com aluno surdo	Tempo de trabalho na Instituição
Professora A	Feminino	33 anos	33 anos
Professora B	Feminino	26 anos	4 anos
Professora C	Feminino	7 anos	7 anos
Professora D	Feminino	15 anos	15 anos

Fonte: as autoras

Quadro 2 - Formação das professoras participantes da pesquisa

Formação das professoras participantes da pesquisa				
Sujeitos da Pesquisa	Formação em nível Superior	Pós-graduação já concluída	Pós-graduação em andamento	LIBRAS
Professora A	Não especificou a área	Especialização na área de Interdisciplinaridade da Educação Básica	_____ ²	Cursos de LIBRAS
Professora B	Não especificou a área	_____	Mestrado em Educação: Processos Inclusivos	Disciplina do mestrado e contato com a comunidade surda
Professora C	Não	Especialização em	_____	Disciplina na

² A informação não foi especificada pelos entrevistados.

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 110-127. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

	especificou a área	Educação Especial		Especialização
Professora D	Graduação em Pedagogia	Especialização em Educação Especial	_____	Disciplina na Graduação

Fonte: As autoras (2017)

É possível perceber no quadro (1) que a maioria das professoras possui experiência de atuação na área educacional com alunos surdos. Encontram-se imersas num ambiente de educação bilíngue priorizando a aquisição da língua de sinais (L1) seguida pela Língua portuguesa (L2), assim como o tempo que permanecem na instituição. Isso implica significativamente na construção de vínculos, pois estão inseridas na cultura dos seus alunos, conhecendo e participando da vida dos alunos, pois possuem conhecimento do contexto em que estão inseridos.

No quadro (2), mediante os dados contidos no questionário sobre a formação, é possível observar que as professoras aprofundam seus estudos, estando em constante formação continuada no que diz respeito à inclusão, à interdisciplinaridade no intuito de melhorar qualitativamente o processo de aprendizagem dos seus alunos, considerando suas especificidades, necessidades físicas e educacionais.

Compreensões sobre alfabetização e letramento

Neste eixo objetivamos perceber as compreensões que as professoras possuem sobre alfabetização e letramento. Para tanto, foram levantadas questões referentes ao entendimento das mesmas sobre tal processo. É possível identificar a diferença que há nos termos alfabetização e letramento, no que se refere ao aluno surdo e o aluno ouvinte. Ambas compreendem o significado desses processos e suas implicações. Como pode ser observado a seguir nas respostas das professoras A e B.

A alfabetização diz respeito ao domínio da leitura e escrita pelo acesso e conhecimento do código escrito. O letramento, ocupa-se com o uso e função da escrita no contexto das práticas sociais. (Professora B).

A alfabetização não contempla a natureza do processo de aquisição da escrita pelo surdo, pois é baseada na oralidade (grafema / fonema). O letramento para o surdo possibilita a inserção no mundo através da língua de sinais. (Professora A).

Neste sentido, evidencia-se a concepção de alfabetização e letramento por parte das professoras, no sentido de que a alfabetização é o domínio sistematizado do sistema de escrita, letramento apropriação significativa da leitura e da escrita nos diversos contextos. Dessa forma, alfabetizar e letrar o aluno surdo significa inseri-lo nos mais variados contextos, permitindo sua inserção no mundo letrado. Diante do exposto pelas professoras, é possível identificar suas concepções nas contribuições de Soares (2004) de que alfabetizar implica num processo sistematizado de aquisição do sistema alfabético e letramento implica no desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais.

Compreensões sobre as práticas de alfabetização e letramento para com o aluno surdo

Este eixo possibilitou compreender quais as práticas de alfabetização e letramento as professoras desenvolvem com seus alunos surdos, e percebemos explicitamente, o ambiente bilíngue, considerando a apropriação da L1 (Língua de Sinais) e L2 (Língua Portuguesa). Como observamos nas seguintes respostas das professoras A, B, C, D:

[...] Ambiente linguístico para aquisição da Língua de Sinais (L1) e da Língua Portuguesa escrita (L2). (professora A)

[..] Imersão na língua de sinais brasileira; interação sobre a cultura e identidade surda; despertar a textualidade nas produções em sinais e nas produções escritas do português. (professora B)

Sempre utilizando a pedagogia visual, trabalho com textos em libras primeiramente, escrevemos as informações em L1 depois reconstruímos para L2 e trabalhamos conteúdos relacionados a diversas disciplinas. (professora C)

Proporciono um ambiente bilíngue que o conduza a aquisição da L1 e aprendizagem da L2, despertando no aluno o gosto pela leitura, desenvolvendo competência na leitura e escrita. (professora D)

O ambiente bilíngue é evidenciado pelas participantes, visto que proporciona um significativo avanço na apropriação da língua de sinais (L1), assim como da língua portuguesa (L2). Esse ambiente, conforme Dizeu e Caporali (2005) possibilita contato direto com as características da comunidade surda, respeitando suas particularidades, permitindo também acesso à língua oral e aos conhecimentos sistematizados, priorizando aquisição da primeira

língua (L1), para em seguida a aquisição da segunda língua (L2). Ainda segundo as autoras, o aluno surdo, ao adquirir uma língua natural, é capaz de se desenvolver plenamente, vivenciando, aprendendo e se comunicando, além de se identificar com sua cultura. Tal afirmação vai ao encontro dos relatos das professoras em se tratando da cultura surda, sua participação nos contextos culturais, valorizando e priorizando a identidade do aluno surdo.

Percebemos também, com nossas entrevistas, o trabalho contextualizado que as professoras desenvolvem, atentando para a interdisciplinaridade, enriquecendo o conhecimento do aluno. Além da relevância na realização de atividades que contemplem o contato com diferentes gêneros textuais, e isso é percebido nos relatos, visto que proporcionam uma aprendizagem significativa porque estão presentes nas diversas situações cotidianas. Marcuschi (2010) compreende os gêneros textuais como fenômenos históricos, caracterizados como eventos textuais maleáveis, dinâmicos e plásticos que se originam nas necessidades e atividades socioculturais, contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas.

Para os momentos de atividades que tem por objetivo promover apropriação da leitura e escrita, as professoras relataram que realizam constantemente um trabalho priorizando a linguagem de sinais e a memória visual, pois a partir desses, “o aluno estabelece significados na leitura e escrita” (professora B) e sua aprendizagem é muito mais efetiva diante dos recursos visuais. Tais atividades contemplam diversos gêneros textuais: contação de histórias, jogos, aulas-passeio, pesquisas, vídeos (L1), produção de textos em L1 depois em L2. Todas as atividades consideram as necessidades e especificidades dos alunos, contemplando significativamente a aprendizagem dos educandos.

Nesse sentido, destacamos que as práticas pedagógicas realizadas pelas professoras A, B, C e D, vão de encontro aos apontamentos de Prado e Macedo (2016), ao pensar os alunos surdos em situações que envolvam a participação ativa de práticas discursivas letradas, pois devem ter acesso a uma série de propostas pedagógicas baseadas em estratégias visuais. Uma vez que a língua de sinais é uma língua visual, precisa ser acionada por mecanismos, também, visuais.

Compreensões sobre as dificuldades dos docentes para com o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo

No eixo, compreensões sobre as dificuldades dos docentes para com o processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo, encontramos evidenciada, nas respostas das participantes, a necessidade de formação continuada específica sobre metodologia de ensino da L1 e L2 (professora B). Também se destacou a “ausência de conhecimento da LIBRAS por parte do aluno e da família, esta, por sua vez, não tem ou não teve contato com ela e fazem uso, muitas vezes, de “gestos caseiros”, não compreendem ou não aceitam a LIBRAS” (professora C, D). Outra dificuldade elencada pelas professoras é “a falta de materiais pedagógicos adaptados para o trabalho com o aluno surdo” (professora C).

Partindo dos apontamentos feitos pelas professoras C e D, citando a ausência familiar, não aceitação da língua e o uso de “gestos caseiros”, nos remetemos aos apontamentos de Negrelli e Marcon (2006, p.103) que dizem:

é por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano.

Dessa forma, percebemos o quão importante é a participação efetiva da família no desenvolvimento dos indivíduos. Em se tratando do sujeito surdo, a atuação da família é importantíssima na aquisição da identidade surda, na aprendizagem da LIBRAS, participando, aceitando e aprendendo essa maneira de dialogar. A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz (NEGRELLI; MARCON, 2006).

Diante do exposto, nos eixos referentes aos dados gerados, percebemos que as referidas professoras possuem conhecimentos e concepções sobre a temática alfabetização e letramento, as quais as conduzem num percurso de alfabetizar e letrar o aluno surdo, atentando para apropriação significativa da leitura e da escrita, favorecendo a aprendizagem em L1 e L2. O contexto contempla uma educação bilíngue, priorizando a língua de sinais. As práticas pedagógicas são desenvolvidas considerando experiência visual, as necessidades e especificidades dos alunos surdos, procurando estabelecer vínculos com a cultura surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, o processo de alfabetização passou por diferentes momentos em decorrência das mudanças sociais, das demandas educacionais e dos avanços nos estudos científicos sobre o tema. Assim, durante um longo período, a alfabetização foi entendida

como aquisição do código escrito, bastando sua memorização e o treinamento das habilidades de leitura e escrita. De modo que, o ensino da língua escrita era conduzido de forma mecânica e descontextualizada. Diante disso, nos deparamos com o processo de Letramento que nada mais é do que a apropriação da leitura e escrita de forma significativa e contextualizada. Permitindo aos indivíduos, apropriar-se da leitura e da escrita, sendo capaz de usá-la com desenvoltura nos mais diferentes contextos sociais.

Partindo dessa premissa, torna-se relevante destacar, que todos os indivíduos sejam ouvintes ou surdos, estão inseridos numa sociedade letrada, e que estando eles em processo escolar ou que estejam por algum motivo retornando aos bancos escolares, depara-se com diversas situações que envolvem a leitura e a escrita no cotidiano. Na atualidade, no que tange ao processo de alfabetizar e letrar o aluno surdo, ainda há muito que se fazer para promover significativamente a apropriação desses processos pelos surdos. A pesquisa em tela mostrou, por exemplo, a necessidade do acompanhamento e diálogo com as famílias desses alunos para conhecimento da LIBRAS. Também evidencia a necessidade de materiais didáticos diversificados para o trabalho e desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos.

Em se tratando das práticas pedagógicas elencadas pelas professoras da referida pesquisa, para alfabetizar e letrar o aluno surdo, é necessário que estes estejam inseridos num ambiente linguístico que permita a aquisição da Língua de Sinais (L1) e a língua portuguesa escrita (L2). O arsenal de informações visuais e concretas, gêneros textuais que sejam constituídos pela linguagem verbal ou mesmo multimodais permitem maior significado para o aluno, pois, ele aprende a partir da experiência visual e está inserido num ambiente letrado. Tais ações contribuem consideravelmente para o processo de apropriação da L1 e L2.

Desse modo, toda e qualquer instituição deve ter como alicerce a legislação, garantindo os direitos de todos os cidadãos. É importante destacar que uma das dificuldades que permeia o âmbito educacional ainda é a efetivação dos direitos alcançados pelos sujeitos, quando se trata dos surdos, isso se torna mais complexo. Profissionais da educação em sua grande maioria não possuem conhecimento sobre a língua brasileira de sinais, o que os torna enfraquecidos mediante o trabalho com o aluno surdo. As escolas, na grande maioria, não possuem materiais adaptados, professores capacitados o que resulta, infelizmente, em alunos dispersos, apresentando dificuldades de aprendizagem e até mesmo excluídos dentro da própria sala de aula.

No decorrer dessa pesquisa, compreendemos que existem múltiplos fatores que interferem diretamente no processo ensino aprendizagem dos alunos surdos. Escolas que

contemplam uma educação bilíngue, encontram-se em desvantagem na captação de recursos como de acesso à materiais pedagógicos, estrutura, equipe pedagógica, para que se possa manter um ensino de qualidade. Formação continuada é essencial para que se promova um ensino significativo, considerando as especificidades dos alunos surdos. Nessa caminhada para um ensino de qualidade, garantia de todo cidadão, prevista na legislação, ainda há muito o que se discutir, refletir e agir de modo a efetivar a apropriação significativa dos conhecimentos acumulados pela humanidade e a legitimação da LIBRAS como primeira língua do sujeito surdo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nº 9394/96 de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 05 de abr. de 2016

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

DIAS, Rosangela Hanel. **Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin**. In: X ANPED SUL, 2014, Florianópolis. Out. 2014.

DI NUCCI, Eliane Porto. Alfabetizar letrando...Um desafio para o professor! In: LEITE, Sérgio Antonio da Silva (Org.). **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi, Artes Escritas, 2005. p.47-74.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

FERNANDES, Sueli de Fátima. **Letramentos na Educação Bilíngue para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Universidade Federal do Paraná – UFPR. 2006.

_____. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. 2003, 202f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont. MARCON, Sonia Silva. Família e criança surda. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, jan./abr. 2006.

QUEIROZ, Luana de Souza. RÚBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A aquisição da linguagem e a interação social: a libras como formadora de identidade do surdo. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, n 1. v. 5, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v.5_n1_2014/Luana.pdf.

SANTOS, Carmi Ferraz. MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHELP, Patrícia Paula. Letramento e alunos surdos: práticas pedagógicas em escola inclusiva. In: **Congresso Nacional de Educação - EDUCERE IX**, 2009, PUC/Pr. **Anais**. Curitiba: 2009.p. 3036-3047.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25 - jan a abr 2004 a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2016.

_____. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**, 2004 b. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/18892732/Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1>> Acesso em 26 Jul. 2016.

TEIXEIRA, Enise Barth. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em questão. Editora Unijuí ano 1, n. 2, jul./dez. 2003 p. 177-201.